

# MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XL  
Volume II

---

**Do Humanismo como Fascínio ao  
Fascínio do Humanista: a exemplar  
persistência de Costa Ramalho**

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

---



LISBOA • 2019



# **Do Humanismo como Fascínio ao Fascínio do Humanista: a exemplar persistência de Costa Ramalho**

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

Vai o homem escalando, ao compasso dos anos, as íngremes vertentes dessa montanha incontornável que dá pelo nome de vida. Busca aquele lugar cimeiro onde reside a excelência, palavra de escasso porte, valha a verdade, para traduzir aquilo a que a sabedoria dos Gregos chamava *Aretê*. Afadigado na subida e preso do desejo de atingir o cume, não cura de olhar em volta e sentir o sossego de algumas sombras reconfortantes, não perde tempo a distinguir as veredas escarpadas dos trilhos mais suaves, não se detém a contemplar, de quando em vez, o caminho percorrido, não intenta alongar o olhar pela paisagem que foi deixando para trás e onde residem, indeléveis, as marcas dos pequenos triunfos de que se fez a subida. Porque o seu objectivo, a sua porfia, o seu prazer residem na própria busca, na procura, ela mesma, e não nas etapas que vai vencendo e nos obstáculos que vai contornando.

Terá tempo — quem sabe? — para tudo vislumbrar de uma vez só, quando alcançar o topo que é, afinal, a meta última do seu peregrinar.

Quando, a meados da década de sessenta do século passado, Américo da Costa Ramalho deu à estampa a sua primeira colectânea de estudos sobre o Humanismo e o Renascimento em Portugal, estaria, talvez, longe de imaginar que inaugurava um percurso de sentido único. Na rota acabada de escolher, de facto, por opção pouco a pouco assumida, não mais haveria lugar para recuo.

Para trás, ficavam anos de preparação multifacetada, nos domínios múltiplos e pluridisciplinares da Filologia Clássica, a área que, desde a juventude, decidira abraçar.

Foi no Grego que deu os primeiros passos, com uma tese de doutoramento sobre as palavras compostas na comédia aristofânica, com o título de *Δίπλα Ὀνόματα* no estilo de Aristófanes, obra de referência, citada pelos melhores editores do comediógrafo, como Stanford, na sua edição da Macmillan; ali chegara,

depois de dois anos em Oxford, onde foi aluno de mestres eminentes, como Fraenkel, Dodds ou Denniston. E foi, também, no Grego que a muitos de nós orientou a aprendizagem inicial, com o manual de Grego para o ensino secundário, de que foi co-autor, *Tὰ τῶν Ἑλλήνων*.

Já então se evidenciava aquela que viria a ser a sua marca distintiva, ao longo destas mais de seis décadas de investigação e magistério: o amor à palavra. Herdeiro da velha escola da Filologia, é na palavra que assenta o seu labor. A palavra como utensílio, mas também como semente de reflexão. A palavra como raiz de conceitos, mas também como sua expressão. A palavra, esse ser concreto e real de que se forjaram as grandes obras do pensamento humano e da literatura universal. A palavra foi, desde o verdadeiro começo, o seu campo fecundo de trabalho, a vasta seara onde sempre procurou fazer sua ceifa, mas também o instrumental com que a um e outra se entregava.

Leu os Clássicos. Leu os Humanistas do Renascimento. Neles, porém, sempre se recusou a ler mais do que aquilo que as suas palavras consentiam. Porque cedo aprendeu que só com elas podia desenhar a senda do seu peregrinar por esse mundo de outrora e trazê-lo, sem o desfigurar, até ao presente em que vivia.

Rigoroso, metódico, persistente, meticoloso, sério, incansável, buscou na palavra, sem desfalecimentos, sondar os desígnios do cinzel que os autores que ia estudando manearam, ao fio dos dias, a esculpirem as obras que nos legaram... esculpidas de palavras, afinal. Com a palavra, estudou a palavra. Não é esse o mister do filólogo?

Foi o que fez com a Literatura Latina, cuja cátedra alcançou em 1954. Laboriosamente a pesquisou, estudou e ensinou, durante décadas — e tantas são as gerações que com ele a aprenderam e aprenderam a apreciá-la. Demonstrava conhecer Cícero, como poucos. E Virgílio. E Horácio. E os meandros da sociedade em que floresceram e que desvendava, com minúcia, até dela falar como se nela houvera vivido.

Cedo, porém, uma outra literatura latina, quinze séculos desfasada daquela outra, o atraiu. Não terá sido o primeiro a estudar o Humanismo português; outros, antes dele, dedicaram, de forma esparsa e avulsa, alguma atenção a essa época e aos seus autores; eram, no entanto, por via de regra, ensaios esporádicos, ocasionais. E foi ele o primeiro a dar a esse estudo uma orientação sistematizada, como quem define uma estratégia, aponta um rumo, estabelece etapas e metas.

O Renascimento, nos seus mistérios e suas insídias, nos seus projectos e suas contradições, no seu esplendor e seus obscuros meandros, nos seus enigmas e suas dúvidas, nos seus trilhos pelo mundo e suas sendas de penumbra, o Renascimento, esse tempo que foi pai e mãe da modernidade que somos, era campo fértil para quem quisesse indagá-lo com e na palavra.

A sua atenção foi atraída por vultos tão variados como Gil Vicente ou André Falcão de Resende, Joana Vaz ou Diogo de Sousa. Questionou a cultura clássica do «fazedor de autos», o nosso primeiro dramaturgo, e não se coibiu de pôr em causa alguns dogmas, ainda que tivessem a assinatura de alguém com o porte intelectual e a estatura académica de Carolina Micaelis de Vasconcelos. Ponderou o seu latim tosco, analisou-o no seu contexto e provou o inteiro sentido e pertinência do seu aparente sem-sentido. A quem pensasse que o latim vicentino era feito de lugares-comuns destinados ao riso, por desajustados no tempo e no lugar, demonstrou que assim não era: o tosco daquele latim era, assim provou, aparente; olhado com atenção, revelava conhecimento e destreza no manejar da cultura antiga e deixava perceber que quem assim o utilizava era frequentador dos clássicos ou, no mínimo, dos florilégios que deles se iam fazendo.

Nunca o assustaram, em bom rigor, as verdades feitas, fosse quem fosse a autoridade que pretensamente as avalizava. Costa Ramalho sempre assim foi: íntegro, frontal, desabrido, mesmo, direito na afirmação de suas certezas e suas convicções, enraizadas no profundo conhecimento dos textos de que falava.

Logo nesse tempo lhe saiu ao caminho, por um estranho acaso da Fortuna, aquele cuja companhia não mais haveria de largá-lo. Até hoje. Refiro-me a Cataldo Parísio Sículo. O italiano bem cedo o fascinou, quando o descobriu na corte de D. João II, que para Portugal o trouxera, a mestre o destinando de D. Jorge, seu filho bastardo e projectado sucessor, posto que a mesma Fortuna (e a Rainha despeitada) lhe tivesse trocado as voltas, fazendo-o quedar-se pelo Ducado de Aveiro.

Desvendou ao humanista italiano o nome, tão obscuro quanto intrigante; retirou-lhe, mesmo, o fantasioso Áquila, com que o quiseram baptizar os que, distraídos, lhe aditaram como sobrenome o começo de um seu poema. Definiu as datas do seu magistério e da sua produção literária, assim antecipando em muitas décadas, com arrojo e contra vozes supostamente autorizadas, o nascimento do Humanismo português. Estudou-lhe e traduziu-lhe os poemas.

Estudou-lhe e traduziu-lhe as cartas, fonte quase inesgotável de informações preciosas para o conhecimento da política cultural do seu tempo, da sociedade em que viveu, na viragem do século, da corte em que deambulava, dos grandes que serviu, das intrigas que urdiam.

E ensinou-o. A gerações e gerações de discípulos, em quem estimulou o apreço pelos grandes vultos da cultura portuguesa renascentista e o seu estudo. Deles fez tema central de sucessivos seminários de licenciatura, depois de mestrado, quando a Universidade e seus graus iniciaram uma mutação ainda hoje inconclusa.

Assim nasceu, da recolha dos seus trabalhos, o volume que intitulou *Estudos sobre a época do Renascimento*, aquele que foi o alicerce primeiro do que viria a ser o projecto de sua vida, posto que, por certo, como tal o não concebesse, ainda, nesses já longínquos anos de sessenta, com todos os contornos já bem definidos: a criação de uma escola de estudos sobre o Humanismo português do Renascimento.

Não mais conheceu parança esse percurso, nem mesmo nos dias em que escolhos, que mão alheia pelo caminho lhe interpôs, puderam (felizmente sem êxito) arrefecer-lhe o ânimo ou desviar-lhe o rumo.

A Cataldo e a André Falcão de Resende, muitos outros nomes se foram juntando, à medida que ia desvendando os corredores escusos de Quatrocentos e de Quinhentos: João Rodrigues de Sá de Meneses, Estêvão Cavaleiro, Salvador Fernandes, Luísa Sigeia, André de Resende, Pedro Sanches, Amato Lusitano, Diogo de Teive, Aquiles Estaço, João de Barros. Estes são alguns dos objectos de trabalhos que, em 1980, viria a reunir sob o título de *Estudos sobre o século XVI*.

A sua precisão rigorosa ia-se apurando, esmerando, sempre no amor à palavra. É uma década, essa que medeia entre os dois livros, em que contribui para desvendar os segredos da génese da palavra Lusíadas, em que dilucida o «mal enxertado» nome (como ele mesmo lhe chama) que João de Barros deu ao seu *Ropicapnefma*, em que desfez o mito da idade de João Rodrigues de Sá de Meneses e esse outro, o da sua precoce aura de menino génio, em que explicou o nome de Lúcio André de Resende. Nas linhas e entrelinhas de seus textos, filológicos, como sempre, fiéis à velha escola, era o Portugal do século de ouro que se ia desvendando, em pormenores, ora interessantes, ora pitorescos, por vezes sórdidos, sempre motivo de invulgar fascínio e não poucas surpresas.

Como qualquer universitário que se preze, prosseguia, com afinco, o seu afã de investigador, enlaçando-o no seu múnus de professor, no seu magistério. Em Coimbra, sua cidade de adopção, na sua Universidade, na sua Faculdade de Letras, os seminários que regia eram procurados com inegável avidez e subido interesse. Sob sua orientação iam saindo teses de licenciatura, teses de mestrado, teses de doutoramento, não raro convertidas, logo depois, em publicações do Instituto de Estudos Clássicos ou do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, documentos ainda hoje incontornáveis para quem pretenda estudar o Renascimento português e essa sua manifestação fecunda que foi o Humanismo. Pouco a pouco, um *corpus* de textos, repletos de novidades e semeados de novas interrogações, ia dando forma a um edifício coerente, do ponto de vista científico, e promissor, do ponto de vista universitário.

A curiosidade não tinha limites. E nomes, uns mais sonantes e ilustres, outros praticamente desconhecidos, iam-lhe saindo ao caminho, para o ajudar a preencher a galeria dos Humanistas portugueses e, assim, para lhe lançarem novos reptos e desafios, que nunca enjeitava. Folheemos os quatro volumes de *Para a história do Humanismo em Portugal*, que sucederam aos dois títulos já citados, e respiguemos ao acaso: António de Cabedo, Diogo Pires, esse judeu-errante e pinga-amor, como lhe chamou Aquilino Ribeiro, não sem propriedade, mas com acentuado desconhecimento, poeta de rara valia estética entre os que em Latim compuseram nesse tempo, exilado sem regresso nem remissão, mas apegado à pátria distante; no seu encalço rumou a Dubrovnik, a velha Ragusa onde o poeta viveu as derradeiras décadas do seu degredo, esquadrinhou arquivos e documentos, comprovou as suas relações locais, determinou a data provável da sua morte, ao cabo de uma vida longa, é verdade, mas bem menos longa do que a tradição lhe atribuía. Foi por suas mãos, pode dizer-se, que o poeta eborense regressou à terra natal, quase cinco séculos volvidos sobre o seu desterro forçado. A Infanta D. Maria, mecenas e exemplo de uma cultura no feminino, José de Anchieta, o missionário jesuíta, nascido espanhol (se é que assim pode dizer-se), mas feito poeta e homem de cultura em Coimbra, autor de alguns dos mais significativos testemunhos literários do primeiro Brasil, cujas gentes celebrou com cores cruentas e, porventura excessivas, quando se abalançou a cantar os feitos de Mem de Sá. E ainda Luís Pires, Diogo de Gouveia, Henrique Caiado, um dos melhores poetas bucólicos latinos do Renascimento europeu, celebrado em Itália,

mas também um pouco por toda a Europa. E Inácio de Moraes e Francisco de Holanda e António Luís e Pedro Sanches e Duarte de Sande, cujo «Diálogo sobre a missão dos embaixadores japoneses à Cúria Romana» foi, há poucos meses, reeditado, no âmbito dos *Portugalliae monumenta neolatina*. Um projecto que, valha a verdade, poderá não ser seu; mas um projecto que, sem sombra de dúvida, jamais seria uma realidade se Costa Ramalho não tivesse inaugurado a escola onde, mais tarde, veio a desabrochar, como consequência e corolário natural da actividade dos que, sob sua orientação, elegeram o Humanismo como campo de estudo. E, como não podia deixar de ser, Damião de Góis, acaso o príncipe de todos eles.

Especial cuidado lhe mereceu Luís de Camões, desde o dia em que questionou a palavra Lusíadas. A obra do nosso épico, fosse ela a epopeia, fosse a poesia lírica, sempre exerceu sobre o Mestre especial fascínio. De tal fascínio dão testemunho os seus *Estudos Camonianos*, saídos a lume em 1975 e reeditados em 1980, com profusa actualização, e o seu *Camões no seu tempo e no nosso*, de 1992, que documentam a visão de um estudioso da literatura de Quinhentos, como sempre foi, mas nunca desatento aos reflexos ou réplicas, como hoje se diria, que no seu próprio tempo a iam ecoando, já em manifestações de inequívoca intertextualidade, já na atenção que lhe dedicavam estudiosos e críticos, dos universos mais díspares e das mais variadas tendências. Em um e outro volume encontramos contributos preciosos e decisivos em que muito se apoiou a posterior hermenêutica do texto camoniano: a tentativa de explicação do Adamastor; a primeira interpretação consistente do mito de Actéon e da sua intrigante recorrência no poeta; a ligação da Ilha dos Amores ao livro VI da *Eneida*, de Virgílio, ao seu Inferno e aos seus Campos Elísios, que dele são a parte maior; a resposta simples para a contenda sobre as leituras platónicas de Camões, que opusera o então aluno Vergílio Ferreira ao consagrado mestre Costa Pimpão, quando fez notar que bastava a leitura das *Tusculanas*, de Cícero, para nelas encontrar um repositório de boa parte dos conceitos platónicos do poeta. Costa Ramalho jamais adoptou como fio condutor dos seus trabalhos a hermenêutica das ideias e a especulação filosófica, filho, como sempre se assumiu, da velha escola da Filologia; mas manda a mais elementar justiça reconhecer que muito aquém teriam ficado dos resultados que alcançaram os que se aventuraram na indagação do pensamento camoniano, se não tivessem podido dispor desse manancial imenso

de informações que resultou dessa outra hermenêutica que foi o labor filológico deste nosso Mestre e de muitos outros como ele.

A produção bibliográfica, entretanto, ia sendo acrescentada, como se não houvera, nunca, limite para a sua capacidade empreendedora: a tradução do grego de *Plutos* ou *A Riqueza*, de Aristófanes (1989), de *As rãs*, do mesmo comediógrafo (1996) e do *Diálogo dos mortos*, de Luciano; a antologia de *Latim renascentista em Portugal* (1985); a *Segunda parte das cartas e de alguns discursos de Cataldo* (2005); os já referidos quatro volumes de *Para a história do Humanismo em Portugal* (1988 a 2000); e, já neste ano de 2010, imune à fadiga e à adversidade, a I Parte das *Epístolas* de Cataldo, com a colaboração de uma de suas discípulas.

São mais de duas dezenas de livros, a par de muitas centenas de artigos, publicados em revistas universitárias de grande prestígio, em Portugal e um pouco por todo o mundo, muitos deles nos mais reputados centros de investigação internacionais na área das Humanidades.

Um mundo, no fim de contas, que calcorreou, sempre em nome da cultura portuguesa. Ensinou em Coimbra quase todas as cadeiras do velho curso de Filologia Clássica, depois chamado Línguas e Literaturas Clássicas, fossem elas de Latim ou Grego, de Literatura Grega ou de Literatura Latina, de Latim do Renascimento ou de Literatura Latina dessa mesma época. Pelo meio, passou por Lisboa, fugazmente, para logo depois retornar à sua Coimbra, em definitivo. Mas foi, igualmente, professor visitante, de 1959 a 1962, em Nova Iorque, e, de 1975 a 1977, no Rio de Janeiro. Também nesses dois países foi determinante o seu contributo para o desenvolvimento dos estudos sobre o Humanismo português. Em uma e outra cidade, em um e outro país, deixou marcas, cimentou amizades, fez discípulos.

Valem, por todos, as palavras de James Hester, Presidente da New York University, no momento da partida: «*I am sure that yours is a name that will be on our lips and on our minds whenever we think of Portuguese studies and of Humanism in general in the years to come*».

Ou as do poeta Carlos Drummond de Andrade que dele diz, ao agradecer-lhe os seus *Estudos Camonianos*, que «à segurança da documentação alia rigoroso senso de análise».

Fiel aos princípios clássicos, ele, que era, ele próprio, um humanista, viveu a cidade. As Humanidades são inseparáveis da sua vida, são, de algum modo,

parte do ar que respira: na docência universitária, na investigação, na gestão da coisa pública, na participação cívica. Tudo isso define um Humanista; e de tudo isso se fez, até hoje, a vida do Professor Costa Ramalho.

Foi deputado; percurso efémero, em boa verdade, pois que o que o animava, como bastas vezes nos disse em suas aulas, era intervir no Parlamento de então em defesa do Latim e das línguas clássicas. E assim fez. Os seus discursos em favor do ensino do Latim, pronunciados na então Assembleia Nacional, constituíram uma pedrada no charco da indiferença, já nessa altura evidente, de uma sociedade distraída em relação às nossas raízes culturais (bem menos distraída, é triste reconhecê-lo, do que a de hoje, que tende a sepultar um e outras num túmulo de perpétuo esquecimento e afadigada ignorância). Esse era o seu fito. Porque, conforme, tempos depois, confessava, de política, conhecia bem melhor a de Roma e a do Renascimento que aquela onde se digladiavam os seus contemporâneos. Porque o Latim e as línguas clássicas eram a verdadeira trincheira de todos os seus combates. Como o são, ainda, hoje, por alquebradas que lhe estejam as forças. E quando, nestes dias cinzentos de ignorância, olha em volta e contempla o ambiente cultural que o rodeia e os descaminhos que, por estranha indiferença ou obsessivo desmazelo, vai levando a Educação, é a constatação desse menosprezo pelas raízes de todos nós que parece toldar-lhe o olhar de tristeza e a voz de desalento.

Na Universidade, assumiu sempre, com igual denodo, as funções de direcção que ela lhe confiou: foi Director do Arquivo da Universidade de Coimbra, ele que sempre foi um viciado na busca minuciosa dos segredos que se escondem nas gavetas e volumes cozidos pelo tempo que esse e outros arquivos vão protegendo. Foi Director da Faculdade de Letras da mesma Universidade de Coimbra (e seja-me permitida uma nota de pessoal emoção, para confessar, aqui, o orgulho que tenho, seu assumido discípulo, como sou, em exercer, por mandato confiado pela minha Faculdade, as funções que, em outras circunstâncias, lhe foram confiadas). Foi Director do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras. Foi Presidente do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Foi Presidente da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos.

Os anos quentes de 1975 e 1976 levaram-no a uma ausência voluntária no Brasil. Ingrata para com os seus mestres, a escola desse tempo parecia empenhada em subverter os valores e postergar um dos princípios que inconsistentemente

apregoava: a liberdade de pensamento. Nenhuma mágoa lhe deixou esse trilho agreste, antes encontrou nele as sementes de um fecundo enriquecimento. E, no regresso, prosseguiu na sua dupla senda: a investigação e o magistério.

É, afinal, professor. Quando se é professor, fica-se professor para sempre. Porque jamais se deixa de ensinar. Porque os discípulos, que para sempre o serão, mesmo depois de nas carteiras velhas da velha Universidade se não sentarem já, fazem jus a esse título, um dos mais nobres que pode ambicionar-se. Ora, Américo da Costa Ramalho fez escola e tem discípulos. Porque um universitário, se de primeiro quilate for, só se completa se for capaz de fazer escola. E ele fê-la. Com orgulho o digo, pois sinto por privilégio pessoal ser um dos seus discípulos, condição que assumo sem ambiguidades, antes como quem ostenta um pergaminho. Primeiro em dissertações de licenciatura, enquanto as houve, depois em teses de mestrado, a seguir em dissertações de doutoramento, foi deixando seguidores, que são, hoje, os continuadores da sua obra. Se lícito é usar aqui um paralelo com as genealogias, assim lhe foram nascendo os filhos (os discípulos directos) e, depois, os netos (discípulos de seus discípulos), pois são já vários os estudiosos do Humanismo que fizeram teses de doutoramento (para não falar das de mestrado, que tantas são), sob orientação daqueles que em tais estudos iniciou. A sua escola tem, hoje, ramificações um pouco por todo o mundo universitário português: nas Universidades de Coimbra, de Lisboa, do Porto, de Évora, de Vila Real, do Minho, de Aveiro, da Madeira, dos Açores, em mais do que uma universidade estrangeira — e se pecado há nesta enumeração é por omissão que não por excesso.

Continua, hoje, infatigavelmente, avesso a cansaços e a esmorecimentos, o seu projecto de vida. Mesmo depois de a vista o ter traído, nem por isso deixa de persistir em levar por diante os seus desígnios, que encara com um sentimento misto de missão e de realização pessoal. Se o famoso músico logrou compor algumas das suas mais belas sinfonias depois de atingido pela surdez, análogo é o exemplo deste Mestre de todos nós, que, praticamente privado de visão, não admite deixar a sua obra inconclusa. E sabe, de um saber profundo, que tem tanto, ainda, para descobrir, que tem tanto, ainda, para nos contar, que tem tanto, ainda, para ensinar...

Acresce que guarda consigo, incólumes, os instrumentos mais preciosos do seu fazer de artesão da ciência e da cultura: uma memória notável, que nos leva,

a todos, sem excepção, a interrogá-lo, como se fora um livro aberto, sobre informações, esclarecimentos, notas, datas, nomes, factos, pormenores dos mais variados, relativos aos tempos e aos autores que estudou e continua a estudar; um rigor metodológico que não cede à facilidade, irmã gémea destes tempos que são os nossos; uma integridade de carácter, que lhe exige, em cada minuto, o apego total à verdade científica.

Vem de longe já Américo da Costa Ramalho. Vem de Almeida, ali na raia, nos contrafortes da serra, de onde as pedras espreitam a aridez e a distância; fez-se em Coimbra, como estudante de liceu e como estudante da Universidade; teve Mestres distintos, que sempre venerou, e outros, seus colegas no magistério, a quem sempre dedicou igual estima e que nunca lhe regatearam elogios. As palavras de Tom Earle, professor em Oxford, podem ser apresentadas como paradigmático exemplo: «de longe, a pessoa mais qualificada no mundo na área dos estudos humanísticos portugueses».

Costa Ramalho foi, é Mestre. Teve, tem discípulos. Em Portugal e no estrangeiro. São eles o garante de que a sua obra valeu e vale a pena; são eles o garante de que a sua obra tem, não pode deixar de ter, continuação. Sob pena de cometermos, por nossas próprias mãos, o mais tremendo de todos os assassinatos: a liquidação de nossas próprias raízes.

Fez-se Mestre, dizia, em Coimbra. E foi-o aí, décadas a fio. E em Lisboa, por pouco tempo. E em quantas cidades desse mundo!

Honrou-o a comunidade científica internacional com múltiplas distinções: é membro efectivo da Academia Portuguesa de História, da Hispanic Society of America, da Real Academia de la Historia, em Madrid; possui a comenda da «Ordine al Merito», de Itália, obteve o Prémio Laranjo Coelho e, também, o Prémio Calouste Gulbenkian de História e Presença de Portugal no Mundo, ambos da Academia Portuguesa de História.

Em 1991, ditou-lhe a conjugação inexorável das leis e dos anos a retirada. Mas apenas do magistério lectivo, redundância que faz, aqui, todo o sentido. Jamais a retirada da procura. Jamais da busca incessante. Jamais do labor sem limite. Jamais, até, do próprio magistério. Um professor a sério é-o para sempre.

Esta Academia acolheu-o, há 55 anos, em 1955, como membro correspondente, e, em 1987, como académico de número. Dessa condição sempre falou aos seus alunos com justificado orgulho. Serviu a Academia em múltiplas missões

que ela quis confiar-lhe, assim a prestigiando e prestigiando o país e a sua comunidade científica. Refira-se, como simples exemplo, a participação no grupo que negociou, em representação de Portugal e junto dos demais países lusófonos, as bases de um novo acordo ortográfico da língua portuguesa. Muitas outras missões poderiam e deveriam ser mencionadas, se o gume inexorável do tempo não pendesse, premente, sobre estas palavras.

Esta mesma Academia que em 1955 o acolheu, homenageia-o, hoje, decorridas cerca de seis décadas e meia sobre o começo da sua vida universitária e científica. Assim lhe reconhecemos, todos, o quanto o país que somos lhe deve. Assim lhe rendemos o justo preito por quanto nos tem dado. Assim lhe prestamos tributo à sua grandeza de homem de letras e de cidadão e à sua simplicidade. Assim lhe auguramos, neste afã de que nunca desistirá, as maiores venturas. Assim lhe agradecemos, numa palavra, o quanto nos deu e o quanto nos dará.

Vem de há muito a escalada deste homem, de seu nome Américo da Costa Ramalho. Ora dura, ora aprazível, ora por veredas escarpadas e inclementes, ora por sendas mais ligeiras e reconfortantes. Terá atingido já, presume-se, o cume ambicionado, a meta do seu peregrinar persistente, teimoso, desassossegado. Mas não o sente ele assim. Orgulha-se do caminho percorrido, talvez. Mas habita-o, nos cantos mais recônditos da sua alma de andarilho da sabedoria, a profunda convicção de que falta, ainda, um passo mais. A crença de que o cume ficará sempre um pouco mais além. É esse o fascínio que o enleia. É essa a força, estranha e mágica, de que se tece a sua persistência. É essa a grandeza da sua lição de vida, que hoje lhe agradecemos.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 25 DE MARÇO DE 2010)